

Literatura Dramática

Comecemos por assinalar o aparecimento de uma nova colecção de textos teatrais, facto demasiado raro para que deixemos de saudá-lo.

Tem esta nova iniciativa, valorizando-a, a singularidade de ser um projecto do INATEL, a partir de um concurso que tem vindo a organizar, dedicado aos dramaturgos nacionais. Teatro — Novos Textos é, aliás, o seu título.

Foram estes os primeiros títulos lançados. *A Ira dos Deuses*, peça em

dois actos de Casimiro Duarte Simões⁽¹⁾, tem como ponto de partida a história de Fedra e da sua paixão pelo enteado, Hipólito, variação que o Autor explora com alguma energia dramática. Uma escrita sensível ajuda a dar a este texto a verosimilhança e o sentido teatral que o marcam.

Tempo para Dançar, dois actos de Duarte Nuno Figueiredo⁽²⁾ situa-se no pólo oposto. Lugares e personagens surgem fortemente marcados pelo real e é essa sensação de real que define o drama. A acção da peça, que podemos considerar naturalista, decorre durante a segunda Guerra Mundial, tempo de duras carências vivido por uma família do lupem-proletariado e protagonizado pelos que então viviam na clandestinidade, pelos denunciante e pela intervenção da polícia política, num retrato melancólico de um país sem esperança.

The Breakfast, quatro actos de António Vieira Campos⁽³⁾ situa-se numa vertente parabólica, assinalando-se pela multiplicidade de personagens e situações, pelas relações político-ideológicas de uns e outros, por uma linguagem sincopada que passa por propostas audiovisuais.

A proposta não escapa aos estereótipos que por vezes reduzem a sua capacidade dramática.

A dramaturgia portuguesa conheceu em 1995 uma ruptura que será certamente histórica e que teve a assinatura de um homem predominantemente de teatro, não de um escritor. Refiro-me a Jorge Silva Melo e à sua peça *António, um Rapaz de Lisboa* em cinco actos⁽⁴⁾. O texto surgiu através de um trabalho de palco orientado por aquele que foi um dos fundadores do Teatro da Cornucópia. Um grupo de jovens actores criou o texto que seria objecto de uma versão final da responsabilidade de Jorge Silva Melo.

António, um Rapaz de Lisboa equaciona alguns dos pressupostos que o Autor mais polemicamente defende: o teatro como texto, desvalorizando o factor espectacular que o encenador comanda; o texto como proposta de um real que não pode ser omitido, antes deve ser valorizado. A presença do texto e o texto como veículo de uma realidade — entre os dois, o actor a quem cabe o papel de transformar a realidade na realidade teatral. A peça propõe um retrato, menos desfocado do que parece, de uma micro-sociedade constituída, ou constituindo-se, pela população sobretudo jovem de um mundo urbano com os refle-

vos que o caracterizam, incluindo os sintomas de uma pequena-burguesia vivendo um quotidiano de angústias várias. Portanto está lá tudo: o texto dotado de uma ampla respiração, a realidade, aquela ou outra ou uma e outra, os actores conferindo ao texto essa outra realidade que lhe é, por assim dizer, intrínseca. Falta-lhe talvez uma mais negra marca brandoniana. Não é de estranhar o êxito que texto e espectáculo obtiveram na sua apresentação e reposição: raramente terá havido uma tão forte adequação de um espectáculo a um público.

Se Jorge Silva Melo foi crítico, encenador, actor, e escritor de textos dramáticos, além de cineasta, também Mário Sérgio escapou ao carácter canónico do autor: vimo-lo durante muitos anos no papel de crítico, apreciámos o seu trabalho, embora parco, como encenador, soubemos ainda de seu interesse pela escrita teatral, em especial colaborando com Filipe La Féria.

Três Vésperas para Um Madrigal é uma peça em três actos⁽⁷⁾ que se situa num quadro específico de historicidade. É uma peça que surpreende não pela natural qualidade da sua escrita mas pelo carácter agressivo e transgressor que a define o qual joga magistralmente com a referida qualidade de escrita. Em jogo, a intolerância da Inquisição e um caso de sodomia que leva à morte. À violência das situações corresponde a violência de um texto que assume frontalmente a crueldade das personagens e dos conflitos, o que de trágico os marca.

Se estas duas obras dramáticas se situam em campos diversos, cada uma questionando realidades tão diferentes e tão estimulantes, outras devem ser aqui chamadas porque também elas ajudaram a fazer o ano teatral, mesmo que só em termos virtuais. Com excepção da peça de Jorge Silva Melo, ao mesmo tempo espectáculo, nenhuma das outras foi estreada em palco, o mesmo acontecendo com a peça de Y. K. Centeno, com o título *Será Deus o Dr. Freud?*, drama em três actos escrito por Mr. Hyde⁽⁸⁾. É esta ainda (e porque não?) uma peça sobre uma peça, sob uma peça, entre peças, na qual as personagens se chamam naturalmente Autor, Encenador, Actor Principal, etc. O que mais impressiona neste texto é o gozo que ele nos faculta a uma mera leitura — o que será com a sua representação? Esse gozo tem também a ver com o ritmo alucinante que o texto promete, garantia da sua forte cenicidade. Que Deus seja o Dr. Freud, a não ser que se admita o contrário, eis uma dúvida que a peça de Yvette Centeno não chega a esclarecer. Mas é dessa e de outras dúvidas que a peça vive, numa espécie de febricidade que se toma, calcula o leitor, teatro.

Com *A Casa de Sêr*, peça em duas partes, Vicente Sanches cumpre a sua tarefa anual de publicar um texto dramático⁽⁹⁾. É, uma vez mais, a vida, a morte, o amor, Deus, o Ser e o nada, que Vicente Sanches põe em questão, alucinantemente, com alguma originalidade, e chegando ao único desfecho possível.

Colecções

Outra das raras colecções de textos dramáticos ainda em trabalhos de parto deve-se à Sociedade Portuguesa de

Autores agora em colaboração com Publicações Dom Quixote. Anotemos estes dois volumes de 1995: duas peças de Jaime Salazar Sampaio — *O Meu Irmão Augusto* e *Aqui, De Passagem*⁽⁷⁾, e duas peças de António Rebordão Navarro — *Sonho, Paixão, Mistério do Infante D. Henrique* e *O Ser Sepulto*⁽⁸⁾.

No que se refere às duas peças de Sampaio tenha-se em conta o facto de a primeira ter resultado de uma encomenda (de um grupo fora de Lisboa, atenda-se), o que implica alguma, mesmo que ténue, alteração nas relações dos nossos dramaturgos com a prática teatral. Nas duas peças os sinais da escrita e da estrutura, do enigmático, que marcam o teatro do Autor. Presente também outra característica reconhecível neste teatro: a minúcia e o rigor das didascálias, prova da sua assumpção do teatro como realidade específica. *Aqui, De Passagem* — é uma das mais curiosas peças do Autor. A sua acção decorre à volta de uma personagem, possivelmente identificável, um homem à volta do qual giram as convenções, os clichés, as cobardias que ele destrói. O jogo vai-se tornando cada vez mais complicado, contribuindo para o clima de insólito, ao mesmo tempo verosímil, que vamos subentendendo.

Não deixa de ser curioso que nesta segunda peça veja o Autor um guião para um filme. Quem sabe se não aparecerá um realizador capaz dessa audácia? Sem que o leitor dispense, no entanto, a prova do palco. Em *Sonho, Paixão, Mistério...*, António Rebordão Navarro propõe um jogo duplo: uma estação de naves espaciais, com tudo o que de tecnologicamente avançado tal implica, e o lugar dos descobrimentos a que está ligado o nome do Infante D. Henrique. Não é por acaso que a nave que vai partir com o nome do Infante — é esse o jogo que nos leva ao passado e ao futuro —, jogo que é também o confronto entre visões diferenciadas de um e de outro, espaço dos conflitos que justificam dramaticamente a fábula. *O Ser Sepulto*, peça em um acto, situa-se noutro lugar: trata-se de uma peça sobre a memória e sobre o tempo, lembrando nesse ponto o teatro de Priestley. É, parece ser, um exercício estimulante nesse jogo da vida e da morte.

Edição do Autor, *Arte da Fuga*, de Abílio Brito, é uma amálgama de jogos dramáticos de que é difícil entender as razões que teatralmente os justificam⁽⁹⁾. Adaptar *Os Lusíadas* a teatro parece projecto votado a fracasso. Foi, no entanto, o que tentou fazer Laureano Carreira⁽¹⁰⁾, embora correndo o risco de reduzir o poema épico de Camões a uma pobre e frustrada tentativa em prosa sem espírito. Embora respeitando a trama central da acção: «a viagem de descoberta do Gama», como escreve Daniel Lacerda no texto da contracapa, Laureano Carreira não soube (e podia?) exprimir em termos teatrais, o que há de essencial no texto de Camões: a sua poética.

Anotemos, no capítulo das edições escolares, duas peças de Raul Brandão, *O Avejão* e *O Gebo e a Sombra*⁽¹¹⁾. Além dos textos de Brandão, o volume contém diversos textos de apoio que ajudam a uma sua leitura criteriosa, incluindo um elucidativo quadro sinóptico. A propósito de *O Gebo e a Sombra*, os comentadores, Glória Bastos e Ana Isabel Vasconcelos, propõem um levantamento informático, tendo transposto todos os diálogos para uma base de dados, «preocupando-se sobretudo com o valor

atribuído a certas palavras». Também em *Um Auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett (¹²), Maria Manuela Ventura Santos e Maria Neves C. Gonçalves propõem um conjunto de textos que ajudam o estudante a entender e a contextualizar a obra de Garrett recentemente recuperada em termos de criação cénica. Terminemos esta passagem célebre por obras ligadas à escrita teatral com um livrinho inesperado: *Juvenília Dramática* de Mário de Sá-Carneiro (¹³). O volume, organizado por Manuela Nogueira, sobrinha de Fernando Pessoa, contém quatro textos datados de 1907/1908, uma adaptação de um conto dialogado de Michel Provins, uma peça em um acto representada no Clube Simões Carneiro, uma outra peça em um acto, sem título, um texto do co-autor da peça *Amizade*, Tomaz Cabreira Júnior.

Mesmo com muita boa-vontade, não é possível considerar que estas obrinhas acrescentam o que quer que seja à obra de Mário de Sá-Carneiro ou à dramaturgia nacional. Não quer isto dizer que o seu conhecimento seja despidendo já que nos permite traçar fronteiras, fixar limites, entender percursos.

Ensaaios

Na área do ensaio, registemos o lançamento da obra de Tito Agro Amorim, *Encontros do Teatro na Escola — História de Um Movimento* (¹⁴). Trata-se de dar um primeiro passo para o levantamento dos elementos que não-de contribuir para que um dia seja escrita a história do teatro em Portugal tendo em conta todos os aspectos que a constituem. Tito Agro Amorim viveu politicamente, por um lado, pedagogicamente, por outro, e teatralmente, ainda, os anos pós-25 de Abril de 1974, o que lhe permite ter uma visão ampla das actividades que têm a ver, ao mesmo tempo, com esses vários níveis. O volume, além dos textos do Autor, inclui depoimentos de outros protagonistas dessa aventura pedagógica de que o aprofundamento é essencial para a solução de alguns problemas que afectam o teatro em Portugal.

A companhia Teatro de Noroeste, sediada em Viana do Castelo, propõe um pequeno volume constituído por vários textos, com o título, *Por um Teatro Diferente* (¹⁵). Nesses textos, a companhia dirigida por Castro Guedes e José Martins, propõe reflexões, opiniões polémicas, testemunhos de uma actividade descentralizada de que não se pode ignorar, embora se possa discutir, a importância e a projecção local e mesmo nacional. A jornalista Leonor Xavier, autora de uma magnífica monografia sobre Raul Solnado, publicou *Maria Barroso — Um Olhar sobre a Vida*, já em 2.ª edição (¹⁶). Sabe-se que Maria Barroso teve uma actividade intensa e admirável como actriz e é essa uma das memórias essenciais deste livro, aquela que aqui nos interessa. Sob esse aspecto é fundamental o cap. IV do volume com o título «Benilde, a Consagração e o Fim», embora outras referências teatrais surjam ao longo da obra de Leonor Xavier.

Ainda no capítulo do Ensaio teatral, indispensável referir a monografia de Maria Luísa Malata da Rosa Borralho, *Manuel de Figueiredo — Uma perspectiva do*

PODER LOCAL

128 SETEMBRO 1996

Editorial



Actualidade

Uma nova política necessária à defesa do Poder Local



Tema em debate

Regionalização: conceito, «modelos» e processo institucional Luís Sá

Regiões administrativas em Portugal: com que poderes e meios Jorge Cordeiro

A Regionalização e a coesão nacional João Saraiva

Modelo espacial da Regionalização Manuel Veiga

O futuro papel dos municípios e das Regiões na gestão da água e do saneamento em Portugal Rui Godinho

Alguns contributos dispersos em defesa da Regionalização Carlos Pinto de Sá

Por uma Regionalização eficaz Moisés Cayetano Rosado



Estudos administrativos

Reflexões sobre o 2.º quadro comunitário de apoio (QCA) e a gestão dos fundos comunitários Octávio de Almeida

As finanças locais em Portugal Jorge Pinto



Legislação

Legislação com interesse para o Poder Local

neoclássico português (1745-1777), primeira abordagem ampla de uma das figuras mais controversas, e mais importantes, da dramaturgia portuguesa⁽¹⁸⁾. O volume inclui, além do estudo da vida, da obra e da época de Manuel de Figueiredo, uma vasta antologia de documentos, incluindo cartas, composições poéticas e fragmentos de textos dramáticos.

*

Uma obra inesperada neste Balanço, a novela *Ladrão de Violetas* de Francisco Duarte Mangas⁽¹⁹⁾. Trata-se da história, ou de parte dela, mais ou menos fantasista, por vezes excessivamente fantasista, do Teatro Experimental do Porto. Mas não se pode dizer que a história do TEP e portanto do teatro português a partir dos anos 50 passe necessariamente por aqui. A sua citação neste Balanço é meramente casuística.

De Antonin Artaud continuam a ser publicadas obras esparsas, sendo de lamentar que ainda não tenha sido possível editar uma colecção, pelo menos, de obras escolhidas e sistematizadas. Este volume tem o título *História Vivida de Artaud-Momo* e inclui os seguintes textos: «A sessão de Vieux-Colombier», «Teria Artaud chegado a ler as folhas?», «História vivida de Artaud-Momo», além de um apêndice⁽²⁰⁾. O volume contém ainda um longo e interessante texto de Alain e Odette Virmaux sobre a conferência do Vieux-Colombier, um dos actos fundamentais de Artaud. A leitura destes textos, como de outros, é uma tarefa essencial para o conhecimento de um percurso lancinante e de uma obra que não deixa de surpreender.

Registemos ainda alguns títulos datados de 1994 que por desencontros de edição não puderam ser referenciados no Balanço anterior. Foi o caso da peça em dois actos de Fonseca Lobo, *A Traição da Rainha Mécia de Haro*⁽²¹⁾. Autor com vasta obra no campo da dramaturgia, Fonseca Lobo tem-se interessado especialmente pela temática histórica, tendência que esta nova peça confirma. Desta vez, o Autor evoca a história de D. Sancho II e sua mulher, Mécia de Haro, filha do senhor da Biscaya, e da traição desta de que, aliás, estava inocente. A escrita rigorosa de Fonseca Lobo transmite vigor e autenticidade à história que nos conta. Nela é o poder da Igreja que uma vez mais sobressai. Também de 1994 são as duas obras publicadas por Fernando Eduardo Santos (Edurisa, Filho), um conhecido cultor do teatro de amadores. *Gandarela* é uma opereta popular em dois actos⁽²²⁾, com os defeitos e as virtudes que o género e o objectivo implicam. É o retrato convencional de uma povoação nortenha de que o humor e também a crítica ajudam a entender o êxito. O opúsculo *Gil Vicente — Moralizador de Consciências*, do mesmo Autor, faz acompanhar alguns textos de Vicente por comentários didácticos

que revelam o interesse do homem de teatro pelo estudo dos autores que lhe interessam⁽²³⁾. ▽

Notas:

- (1) Casimiro Duarte Simões, *A Ira dos Deuses*. Col. Teatro, Novos Textos, Ed. INATEL, Lisboa.
- (2) Duarte Nuno Figueiredo, *Tempo para Dançar*. Col. Teatro, Novos Textos, Ed. INATEL, Lisboa.
- (3) António Vieira Campos, *The Breakfast*. Col. Teatro, Novos Textos, Ed. INATEL, Lisboa.
- (4) Jorge Silva Melo, *António, um Rapaz de Lisboa*. Col. Teatro, Ed. Livros Cotovia, Lisboa.
- (5) Mário Sérgio, *Três Vésperas para um Madrigal*. Ed. Teorema, Lisboa.
- (6) Y. K. Centeno, *Será Deus o Dr. Freud?*. Ed. Escrítor, Lisboa.
- (7) Vicente Sanches, *A Casa de Sêr*. Ed. do Autor, Castelo Branco.
- (8) Jaime Salazar Sampaio, *O Meu Irmão Augusto, Aqui De Passagem...*. Ed. Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações Dom Quixote.
- (9) António Rebordão Navarro, *Sonho, Paixão, Mistério de Infante D. Henrique, O Ser Sepulto*. Ed. Sociedade Portuguesa de Autores, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- (10) Abílio Brito, *Arte da Fuga*. Ed. do Autor, Braga.
- (11) Laureano Carreira, *Os Lusíadas*, adaptação livre do poema épico de Luís de Camões. Ed. ACAP 77, Catedral, Dammaria-les-Lys, França.
- (12) Glória Bastos, Ana Isabel Vasconcelos, *O Avejão, O Gebo e a Sombra* de Raul Brandão. Ed. Porto Editora.
- (13) Maria Manuela Ventura Santos, Maria Neves C. Gonçalves, *Um Auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett. Col. Novas Leituras, 16.ª Ed. Texto Editora, Lisboa.
- (14) Mário de Sá-Carneiro, *Juvenília Dramática*. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- (15) Tito Agra Amorim, *Encontros de Teatro na Escola — História de Um Movimento*. Col. Mundo de Saberes/15. Ed. Porto Editora.
- (16) AAVV, *Noroeste — Por um Teatro Diferente*. Ed. Teatro do Noroeste, Viana do Castelo.
- (17) Leonor Xavier, *Maria Barroso — Um Olhar sobre a Vida*. 2ª Ed., Ed. Difusão Cultural, Lisboa.
- (18) Maria Luísa M. da Rosa Borralho, *Manuel de Figueiredo*. Ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- (19) Francisco Duarte Mangas, *Ladrão de Violetas*. Col. Estórias/78. Ed. Teorema, Lisboa.
- (20) Artaud, *História Vivida de Artaud-Momo*. Trad. Carlos Valente. Ed. Hiena, Lisboa.
- (21) Fonseca Lobo, *A Traição da Rainha Mécia de Haro*. Ed. do Autor, Almada/1994.
- (22) Edurisa, Filho, *Gandarela*, Opereta Popular. Ed. AALF, Freamunde, 1994.
- (23) Id., *Gil Vicente — Moralizador de Consciências*. Ed. C. M. Paços de Ferreira, 1994.